

LILY TUCK

AUTORA VENCEDORA DO NATIONAL BOOK AWARD

O

RESTO

É

MEMÓRIA

ROMANCE



«Um romance breve, mas poderoso, que devolve à vida Czeslawa e a sua família [...] e expõe os contornos mais cruéis do horror em Auschwitz.»

THE NEW YORKER



Para Lee

Esta obra é um romance histórico. Pessoas, eventos e locais reais bem conhecidos constam desta narrativa, mas todos os demais nomes, personagens, lugares e incidentes resultam da imaginação da autora e são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos ou locais concretos ou com pessoas vivas será total coincidência.

*Olhamos para o mundo uma única vez, na infância.
O resto é memória.*

LOUISE GLÜCK, *Nostos*



O nome Czeslawa provém do eslavo *ča*, que quer dizer aguardar, e *slava*, que significa glória. Que tipo de glória aguardará uma jovem de 14 anos — uma câmara de gás? Um tiro na cabeça? Uma injeção de 10 ou 15 mililitros de fenol administrada diretamente no coração?

Czeslawa é de Wólka Złojecka, uma pequena aldeia no sudeste da Polónia. A cidade mais próxima é Zamość, fundada no século XVI por Jan Zamoyski, a quem também deve o nome. Construída pelo arquiteto italiano Bernardo Morando, Zamość é o exemplo perfeito de uma cidade renascentista.

Em dias festivos e ocasiões especiais, Czeslawa vai com a família à Catedral da Ressurreição de Nossa Senhora e de São Tomé Apóstolo, também projetada por Bernardo Morando, em Zamość.

Czeslawa é católica.

Quando Czeslawa aceita ir até Zamość no assento de trás da moto de um rapaz, este, Anton — que é mais velho e louro —, avisa-a:

— Não contes aos teus pais.

Ela não conta, nem lhes diz que, no regresso de Zamość — depois de ambos terem comido um cremoso *karpatka* que

Anton comprou numa banca do mercado da praça —, este detém a moto à beira da estrada e lhe pede que desmonte e desabotoe o vestido. Ela não o faz. Afasta-se estrada afora, e Anton grita-lhe:

— Deves-me o *karpatka*!

Apesar de ter começado a chover, Czeslawa faz a pé os seis quilómetros de regresso a Wólka Złojecka.

Chega tarde, já depois da hora de meter as galinhas no galinheiro, e o pai dá-lhe uma bofetada.

O pai de Czeslawa chama-se Pawel.

A moto em segunda mão que Anton comprou é fabricada pela Centrainé Warszaty Samochodowe (Oficina Automotora Central). Empresa polaca fundada antes da guerra, a Centrainé Warszaty Samochodowe produziu motociclos até ao início da Segunda Guerra Mundial, quando a Polónia foi invadida. A invasão é súbita, rápida e definitiva. A 27 de setembro de 1939, ao fim de 26 dias de resistência, os polacos capitulam perante os alemães.

Pawel nada sabe da invasão alemã — apenas que há soldados por todo o lado. Ele nunca saiu da Província de Lublin. Todos os outonos, acompanhado pelo irmão, o tio de Czeslawa, vai à Floresta de Roztocze — parte da propriedade da família Zamoyski — caçar ilegalmente corças e veados-vermelhos, o que o leva o mais longe que alguma vez esteve da aldeia de Wólka Złojecka.

Certo outono, caçou um javali na Floresta de Roztocze.

E, de volta a casa, ao final do dia, se tiver companhia, e depois de um ou dois copos do seu *slivovitz* caseiro, gosta

de contar como ele e o irmão costumavam trocar as voltas ao couteiro e, sempre que conta a história de uma das vezes em que escaparam por pouco, ri-se bem alto.

Ah! Ah!

O nome *slivovitz* vem de *śliwka*, a palavra polaca para «ameixa». É fácil de preparar: as ameixas, com caroço e tudo, fermentam em açúcar, água e álcool de cereais. A zona onde Czeslawa vive, no sudeste da Polónia, é tradicionalmente uma grande produtora de *slivovitz*. Todos os anos se cultivam 100 mil toneladas de ameixas na Polónia.

Em 1941, a política agrária da Alemanha decretou: «Deus ajudou-nos a conquistar a nação polaca, que agora tem de ser destruída; nenhum polaco deverá ter o direito à posse de terra ou de uma casa. Dentro de dez anos, os campos da Polónia estarão carregados de trigo e centeio cultivado e colhido por alemães — e não restará um único polaco.»¹

Deus criou-me do nada.

Deus criou-me porque me ama, aprende Czeslawa na sua primeira lição de catequese. Também fica a saber que a porta metálica do alçapão de uma das capelas da Catedral da Ressurreição de Nossa Senhora e de São Tomé Apóstolo leva à cripta onde a família Zamoyski está enterrada. O padre lê a inscrição na porta: *Fundatoribus grata memoria*, «Em grata memória dos benfeiteiros».

— Deus criou os membros da família Zamoyski — diz o padre.

O padre é jovem, nervoso. Ouviu as notícias sobre a invasão alemã.

— Deus também os ama — insiste.

Na Páscoa, Czeslawa e a mãe decoram ovos — uma tradição antiga chamada *pisanki*. Não têm falta de ovos, dado que a família cria galinhas.

É uma ocasião rara em que, não estando ocupada a limpar, lavar, cozinhar ou ordenhar, a mãe lhe fala da sua vida enquanto jovem, uma vida diferente, antes de ter casado com Pawel.

A mãe de Czeslawa chama-se Katarzyna.

Em tempos, foi bonita, mas agora está sobretudo cansada e demasiado magra.

— Como é que tu e o pai se conheceram? — pergunta-lhe sempre a filha.

A mãe não responde.

Com um alfinete de metal, Czeslawa faz cuidadosamente um furo em cada extremo do seu ovo e depois, com o mesmo alfinete, rompe a gema lá dentro — é a parte que lhe causa impressão: matar um embrião de pinto — e sopra o ovo para que o conteúdo saia. A seguir, aplica cera derretida com um palito oco especial, antes de mergulhar o ovo em várias tintas caseiras feitas a partir de cascas de cebola, bagas, beterrabas e sementes de girassol. Quando a tinta seca, Czeslawa retira a cera.

O seu ovo é vermelho e verde, com um padrão de flores amarelas. A quem irá dar o ovo? A Anton? Pensar nele fá-la corar.

— Em que é que estás a pensar? — pergunta-lhe a mãe. Tem um sexto sentido.

Quando Katarzyna era da idade de Czeslawa, apaixonou-se por um rapaz — não, Tomasz já era um jovem adulto.

— Lembro-me de que fui a um espetáculo aeronáutico em Blonia, num parque nos arredores de Cracóvia — conta Katarzyna enquanto decoram os ovos. — Eu devia ter uns 13 ou 14 anos. Ainda me lembro do vestido que usei... era vermelho. — Detém-se e ri-se. — Um dos aviões era um velho biplano (uma coisa com um ar esquisito), e o meu pai, que tinha trabalhado na Fábrica de Maquinaria Zieleniewski, construía parte do motor. Por isso, é claro que nos levou a ver o avião voar. Fomos todos: eu, a minha mãe, os meus irmãos e a minha irmã. Acho que os meus avós também estavam lá. — A mãe de Czeslawa dá novamente uma garfada. — Mas queria falar-te do avião. Pouco depois de ter descolado, ainda a poucos metros do chão, o motor explodiu e o avião despenhou-se, as asas partiram-se e ficaram espalhados pedaços do biplano por todo o aeródromo.

Após um momento, Katarzyna acrescenta:

— Um dia destes, vou levar-te a Cracóvia e mostrarte onde vivia. Há tanto para ver em Cracóvia... o Castelo de Wawel, a Universidade Jaguelónica, a Basílica de Santa Maria... Olha que bonito — interrompe-se, mostrando-lhe o ovo que pintou.

— Um dia, gostava de andar de avião — diz Czeslawa à mãe, que já não está a ouvir.

Está ocupada a guardar as tintas e o material para as decorações.

— Para a próxima Páscoa — diz, referindo-se aos ovos.

De toda a criação de galinhas, a preferida de Czeslawa é uma bonita galinha cor de laranja a quem chamou *Kinga*. *Kinga* põe delicados ovos azuis com uma gema laranja-escura.

Um soldado alemão há de lhe torcer o pescoço, depenar, cozinar e comer.

Enquanto se encontravam no mercado de Zamość a comer o *karpatka*, Anton, com a boca cheia de creme, conta-lhe que quer ser piloto.

— Vais ver — diz-lhe —, se calhar um dia levo-te a dar uma volta no meu avião.

Anton ri-se e, embora não acredite nele, Czeslawa também ri.

Anton tem um riso agradável.

A Alemanha tem 4093 bombardeiros. A Polónia tem 397 bombardeiros — todos obsoletos, à exceção dos PZL.37 Łoś de dois motores.

Czeslawa e Katarzyna chegam a Auschwitz no dia 13 de dezembro de 1942.

Neva a 13 de dezembro de 1942.

Desde pequena que Czeslawa tem o hábito de abrir a boca e inclinar a cabeça para trás quando neva, de modo a que os flocos se derretam na sua boca.

Uma bebida fria caída do céu.

Volta a abrir a boca para a neve enquanto espera na fila em Auschwitz.

Um guarda grita-lhe.

De 1941 a 1945, o prisioneiro número 3444, Wilhelm Brasse, tirou mais de 40 mil fotografias aos homens, mulheres e crianças confinados a Auschwitz. Segundo escreveu nas suas memórias, minutos antes de fotografar Czeslawa, Wilhelm Brasse vê o guarda bater-lhe na boca.

Hesitante, a menina entrou no estúdio e sentou-se, ou melhor, trepou para a cadeira giratória. Parecia um pássaro assustado, e o cabelo rapado a trouxe-mouxe dava-lhe o ar de um pinto calvo por nascer. Brasse aproximou-se da cadeira.

— Como te chamas?

— Czeslawa.

— És polaca, como eu?

Ela assentiu com a cabeça.²

Na fotografia, vê-se um hematoma mesmo por baixo do lábio inferior de Czeslawa.

A fotografia era parte integral do funcionamento de alguns dos campos de concentração. Quer fossem tiradas para os documentos de identificação dos prisioneiros ou como prova das experiências médicas mais horripilantes, as fotografias parecem ter, de facto, representado um papel importante. Para a produção oficial de fotografias, foram estabelecidos departamentos especializados, denominados Erkennungsdienst, ou serviço de identificação do campo.³

Nascido na Áustria a 3 de dezembro de 1917, filho de Rudolf e Helena Brasse (o pai era austríaco e a mãe era polaca), Wilhelm Brasse cresceu em Zywiec, no centro sul da Polónia. Trabalhava no estúdio de fotografia do tio, em Katowice, perto da fronteira alemã, quando os nazis invadiram o país e o detiveram.⁴

A 15 de fevereiro de 1941, depois de ter passado seis meses em Auschwitz, Wilhelm Brasse é examinado e interrogado acerca das suas competências na área da fotografia e da revelação, após o que um oficial lhe ordena que se encarregue das fotografias dos prisioneiros. O oficial explica-lhe que ele tem duas vantagens em relação aos outros candidatos a fotógrafo do campo:

«A primeira é que falas alemão, e não quero ter de comunicar por gestos, como um macaco [...]. A segunda é que — apesar de insistires em declarares-te polaco — és filho e sobrinho de austríacos. É minha obrigação prestar especial atenção aos arianos. Mesmo aos que negam esse estatuto.»⁵

Como fotógrafo do campo, Wilhelm Brasse usará roupas diferentes, mais quentes, comerá melhor, viverá em condições mais decentes e, quiçá, sobreviverá.

O número de prisioneira de Czeslawa é o 26947.

O número de prisioneira de Katarzyna é o 26946.

Uma notável proeza caleidoscópica da imaginação,
a partir da leitura por Lily Tuck de um obituário
do fotógrafo Wilhelm Brasse, que tirou mais de
40 mil fotografias dos prisioneiros de Auschwitz,
entre as quais três de Czeslawa Kwoka.

Vista pela primeira vez à pendura na mota de um rapaz, Czeslawa, de 14 anos, ganha vida neste romance prodigioso e inquietante, que imagina a sua infância numa pequena aldeia polaca antes de o seu mundo implodir no final de 1942.

Despojada dos seus modestos pertences, rapada e tatuada com o número 26947 ao chegar a Auschwitz, Czeslawa é fotografada. Três meses depois, está morta. Como acontece isto a uma criança? Esta é a questão com que nos debatemos neste romance assombroso, que enquadra a história de Czeslawa na tragédia de 6 milhões de polacos que morreram durante a ocupação alemã.

Um inesquecível documento de resgate histórico de uma vida inocente, que era, até agora, somente um rosto num tríptico fotográfico.

«Assombroso e austero, o retrato cru da luta de uma criança para compreender o inimaginável. Uma autêntica ressurreição literária, registada com humanidade e honestidade.»

Esquire, Melhores Livros de 2025



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-419-2



9 789895 894192